

Tentando esclarecer Gonçalves Novo

Por Manuel Bernardo

*(...) fomos enganados, deixei de ter dúvidas de que se tratava de um **golpe spinolista**.*

Soubemos posteriormente que esta tentativa de derrubar a ditadura, foi decidida naquela reunião "enevoada", em casa do Major Monge. Nela estiveram alguns membros da Comissão Coordenadora, que tinham servido com Spínola na Guiné, foram pressionados por Oficiais Spinolistas que, segundo penso pretendiam fazer um golpe de Estado e colocar o General Spínola na Presidência da Republica para tirarem dividendos dessa acção. (...)

Cor. CEM/Inf.^a -Capitão de Abril, J. M. Gonçalves Novo, em 11-02-2019. (Boletim info./ AOFA)

Muitas vezes, os intervenientes directos nos acontecimentos deixam-se "levar" por limitadas perspectivas sectoriais e as opiniões manipuladas e dadas como adquiridas ao longo dos tempos.

Julgo ser o caso do Cor. Gonçalves Novo, que num texto sobre o 16 de Março de 1974 remetido para a delegação da Associação 25 de Abril do Canadá, avança com uma tese que, na minha opinião, não corresponde à realidade dos factos então vividos.

Depois de ter posteriormente investigado e acompanhado pessoalmente na altura, a partir da Academia Militar, onde estava colocado, tal como o Oteló e o Garcia dos Santos, publiquei uma tese correspondente a mestrado, no livro "Marcello e Spínola; a Ruptura. A Imprensa e as Forças Armadas na Queda do Estado Novo; Portugal 1973-1974"/1994, actualmente em 3.^a edição.

Além da investigação feita, promovi entrevistas com vários oficiais, como Casanova Ferreira, Manuel Monge e Virgílio Varela e jornalistas como Pinto Balsemão e Raúl Rego. Como se sabe estes três oficiais estiveram directamente envolvidos no 16 de Março de 1974 e por isso cumpriam 40 dias de detenção na Casa de Reclusão da Trafaria, até ao golpe de Estado de 25 de Abril.

Estranho que sendo Casanova Ferreira um dos mais antigos e activos neste acontecimento, tenha sido omitido na sua actuação quer no itinerário Lisboa-Caldas da Raíña, quer, depois, nesta unidade militar (RI 5) na descrição feita por Gonçalves Novo. Outro erro cometido é afirmar que o "beija-mão" dos generais do regime tenha ocorrido a 12 de Março e não a 14, como de facto foi (vide Cronologia da Revolução.../1997 de Boaventura Sousa Santos e ... pp 52).

Lamego "despoleta" o 16 de Março de 1974

Não é aceitável que se considere a actuação militar nesta data como um golpe spinoquista, já que foi desencadeada a partir de um telefonema do Centro de Operações Especiais, de Lamego às 21H00 de 15 de Março, para casa de Manuel Monge, onde, como vinha acontecendo desde a reunião de Cascais (05MAR), em vários locais, se reunia o Comissão Militar do Movimento dos Capitães/MOFA. Esta tinha sido constituída depois do acordo havido em casa do então Major Vítor Alves, em Oeiras (03MAR), entre as duas comissões coordenadoras –a dos oriundos de cadetes e a dos oriundos de milicianos - , com vista ao derrube do governo marcelista.

(...) "(A Comissão Militar) Foi definida na reunião de Cascais em 5 de Março e era constituída por mim (Monge), o Otelo, o José Maria Azevedo/Adm. Mil., o Garcia dos Santos, o Alferes Geraldés e o Luís Macedo. (Juntou-se igualmente Armando Ramos, como representante da "coordenadora" dos oriundos de milicianos). Nessa reunião ficou também constituída uma Comissão Política para redigir o Programa. (...)". Vide Manuel Monge in ob cit- 3.^a ed./2011, pp 256.

E acrescento a minha intervenção neste 16 de Março, transcrevendo:

(...) Basta ler o livro "Alvorada em Abril"/1977/Otelo (pp 278 e 281) para verificar que, nessa tentativa de golpe de Estado, mandei

dois oficiais ter com Otelo à Encarnação, a seu pedido (telefónico) – T. Cor. Fisher Lopes Pires e Major Nuno Bívar. Assim, a partir de 10 de Março, eu estaria mais envolvido na contestação ao regime do que o "capitão de Abril" Vasco Lourenço, que nesta data fora exilado para Ponta Delgada, depois de passar uma noite em detenção. (...)". Vide o meu livro em co-autoria com Joaquim Evónio Vasconcelos, "Grades de Papel; Caxias Condomínio Fechado"/2013, pp 156.

Verifiquemos ainda o que diz Otelo no seu já referido livro "Alvorada em Abril" (pp 263) sobre o sucedido após a decisão da Comissão Militar do Movimento dos Capitães/MOFA, na residência de Manuel Monge (a que se juntaria um outro seu elemento – José Maria Azevedo):

(...) "Casanova seguiria imediatamente para Santarém a fim de trazer consigo até Lisboa um esquadrão de blindados armado, equipado e municiado, para fazer frente e dissuadir as prováveis forças de oposição governamentais.

"Eu telefonaria para Vendas Novas para mandar vir uma bateria de obuses de artilharia, armada, municada e equipada, preparada para cumprir acções de bombardeamento em substituição da Força Aérea, e seguiria para a EPI de Mafra, para trazer de lá uma companhia para assaltar e controlar o Rádio Clube Português.

"Era sem margem para qualquer dúvida, uma intentona. (...)"

Das colunas previstas (Lamego e Viseu, além das possíveis

Santarém, Vendas Novas e Mafra) apenas saiu

a do R. I 5/Caldas da Rainha.

A finalizar verifiquemos as afirmações de mais dois intervenientes nos acontecimentos, em entrevistas que me concederam para o meu livro atrás referido. Em primeiro lugar o Homem e Militar com letra grande, na opinião de muitos militares que passaram pela Academia Militar e não só – Coronel Luís Casanova Ferreira:

(...) "Furou um unimog e o teu amigo andou por ali naquela estrada, de Lisboa para as Caldas e das Caldas para Lisboa. Eu e o Manuel Monge íamo-nos espetando logo à saída de Lisboa. Largámos

o Jaime Neves em Monsanto, à saída para Benfica e fomos ao encontro da coluna. Antes, já tinha ido a Santarém, pois andei toda a noite nisto. Quando passámos na Portagem de Sacavém já lá estava a Legião, a DGS, etc., e que viram, perfeitamente, que era eu. Disseram, depois, que também estava o Otelo a ver-me passar. (...)

Do depoimento do Virgílio Varela, no mesmo livro, destaco:

(...) Não acredito em boicote de ninguém, nem do PC, nem do Hugo dos Santos. E isto porque o "boicote" deve-se ao facto de a noite de 15 para 16 de Março ter sido de sexta para sábado. (...)

Falei com alguns oficiais de outras unidades durante a noite de 15 para 16 – para saber se já estavam prontos para sair -, que me disseram simplesmente que não estava ninguém na unidade, a não ser o pessoal de serviço e pouco mais e não podiam fazer nada. (...)

Lembro ainda que não foi o "spinoquista" Ramos que se ofereceu para comandar a coluna. Apenas depois de dois "plenários" dos oficiais do Regimento e não havendo ninguém que se tivesse oferecido para tal, o mensageiro Capitão Armando Ramos, da Comissão Militar do Movimento dos Capitães/MOFA, apenas aceitou o comando da coluna (praticamente imposto pelos oficiais deste Regimento), desde que na sua viatura, a primeira, fossem igualmente outros dois oficiais com experiência de combate em África, o Tenente Silva Carvalho e o Alferes Mil.^o Caetano Barros.

E sobre este caso ainda aconselho a leitura dos processos de averiguações feitos antes do 25 de Abril, que foram entregues por Armando Ramos no EME, onde se constata, de facto, que o comando da coluna foi efectivada por este oficial e não pelo Capitão Piedade Faria (iria na última viatura da coluna...), situação esta, inventada por ex-oficiais do RI 5, com a conivência da estação de TV, SIC, há algumas décadas atrás.

Cor. (Reformado) Manuel Bernardo

Março de 2019